

“... enfim, ainda *ao pobre defunto* o não comeu a terra, e já o tem comido toda a terra.”

(Vieira)

6. Quando a preposição se apresenta com valor de um verdadeiro partitivo:

“Ouvirá *dos contos*, comerás *do leite* e partirás quando quiseres.”

(Rodrigues Lobo)

7. Em certas construções idiomáticas:

cumprir o dever, ou *cumprir com o dever*;
puxar a faca, ou *puxar da faca*.

“Arrancam *das espadas* de aço fino
Os que por bom tal feito ali apregoam.”

(Camões)

OBJETO DIRETO INTERNO

Verbos intransitivos podem trazer complemento representado por substantivo do mesmo radical, contanto que este venha acompanhado de adjunto:

morrer morte gloriosa
dançar danças malditas
sonhar sonhos ruins
“... morrerás morte vil da mão de um forte.”

(Gonçalves Dias)

Igualmente ocorre em outras línguas:

Beatam vitam vivere	latim
Viver uma vida feliz	
Morir uma santa muerte	espanhol
Morrer morte santa	

Estes complementos se chamam *objetos diretos internos* e, também, às vezes, são expressos por palavras que, não sendo co-radicaais dos verbos respectivos, pertencem, todavia, ao mesmo grupo de idéias:

Dormir um sono tranquilo
Chorar lágrimas de sangue.

OBJETO INDIRETO

Objeto indireto é o complemento que representa a pessoa ou coisa a que se destina a ação, ou em cujo proveito ou prejuízo ela se realiza.

Apontem-se-lhe os seguintes caracteres típicos:

- o ser encabeçado pela preposição *a* (às vezes, *para*);
- o corresponder, na 3.ª pessoa, às formas pronominais átonas *lhe*, *lhes*;
- o não admitir — salvo raríssimas exceções — passagem para a voz passiva.

São seis os casos incontroversos de objeto indireto:

1. Serve de complemento a verbos acompanhados de objeto direto, representando o elemento onde termina a ação. É o caso comum dos chamados verbos *bitransitivos*, como *dar*, *oferecer*, *entregar*, *doar*, *dedicar*, *negar*, *recusar*, *dizer*, *perguntar*, *contar*, *narrar*, *pedir*, *rogar*, *pagar*, *dever*, etc. Em suma: os verbos “dandi”, “dicendi”, “rogandi”, seus correlatos e reversos. Exemplo:

“Tracema, depois que ofereceu *aos chefes* o licor de Tupã, saiu do bosque.”

(José de Alencar)

2. Junta-se à unidade formada de *verbo* + *objeto direto*, indicando o possuidor de alguma coisa.¹

Exemplos:

“... mandou cortar a cabeça *a Adonias*.”

(Vieira)

“Beijou a mão *a el-rei* e saiu.”

(Herculano)

3. Acompanha certos conglomerados constituídos de *verbo* + *objeto indireto*, de que depende o indireto.

Tais conglomerados, que em Latim regiam dativo, equivaleram muitas vezes a verbos simples:

ter medo a (= *temer*), *ter amor a* (= *amar*), *fazer guerra a* (= *guerrear*), *pôr freio a* (= *refrear*), etc.

¹ Cf. Keniston, *The Syntax of Castilian Prose* (The Sixteenth Century), Chicago [1937], pág. 19; Tovar, *Gramática Histórica Latina* — Sintaxis — Madrid, 1946, pág. 45.

Exemplo:

"Não tenho medo ao tormento."

(Cantões)

Ainda se podem incluir neste grupo conglomerados do tipo dos seguintes:

servir + (lhe) + de + predicativo,
ser + (lhe) + predicativo,
ouvir algo a alguém,
merecer algo a alguém.

Exemplos:

"... servi de olhos a um cego."

(Frei Luís de Sousa)

"sê mãe, conforto, providência, filha
ao velho mártir que não tem ventura."

(Tomás Ribeiro)

"os cantares que ouvira aos bisavós incultos
torne-os a ouvir de nós..."

(Castilho)

4. Figura num tipo especial de construção, na qual os verbos *fazer*, *deixar*, *mandar*, *ouvir* e *ver* se combinam a infinitivo acompanhado de objeto direto, ou a verbo de ligação seguido de predicativo.¹

Exemplos:

"Este a mais nobres faz fazer vilezas..."

(Cantões)

"Assim é (disse Solino) que até óculos, que se inventaram para remediar defeitos da natureza, vi eu já trazer a alguns por galantaria."

(Rodrigues Lobo)

¹ Trata-se da controversa estrutura "*faire faire quelque chose à quelqu'un*", em cuja exegese se têm afdagado muitos mestres da filologia românica.

Notícia das várias teorias existentes em torno dessa construção pode ter-se nas seguintes fontes: *Romania*, n.º 42, 1913, pág. 629; *Estudos de Linguística Românica na Europa e na América desde 1939 a 1948* (suplemento bibliográfico da *Revista Portuguesa de Filologia*, Coimbra, 1951, pág. 24); Juan Bastardas Parera, *Particularidades Sintácticas del Latín Medieval*, Barcelona, 1953, pág. 173.

"Três cousas acho que fazem
ao douto ser sandeu..."

(Gil Vicente)

5. Liga-se a verbos intransitivos unipessoais, designando a pessoa em quem se manifesta a ação.

Exemplos:

"Pareceu a el-rei e aos seus que lhes acudia o Céu com socorro."

(Frei Luís de Sousa)

"Capitu propôs metê-lo em um colégio, donde só viesse aos sábados; custou muito ao menino aceitar esta situação."

(Machado de Assis)

6. Une-se a verbos pessoais, destituídos de objeto direto e correspondentes a verbos latinos que exigiam dativo, tais como, por exemplo:

acudir, *aludir*, *ceder*, *obstar*, *igualdar*.

Outros verbos, que não tinham dativo em Latim, vieram, em Português, a apresentar especializações de sentido, usando-se, em um desses sentidos, com objeto indireto; estão no caso, por exemplo:

querer (com o sentido de *amar*, *estimar*)
váler (com o sentido de *socorrer*).

Ainda outros há cuja regência tem variado através dos séculos, como *obedecer*, *resistir* e *agradar*, que hoje só se empregam com objeto indireto, mas possuíam dupla sintaxe (*obedecer-lhe* e *obedece-lo*, *resistir-lhe* e *resisti-lo*, *agradar-lhe* e *agrada-lo*) na linguagem dos séculos XVI e XVII.

Nota:

Verbos como *gostar de*, *depender de*, *precisar de*, *carecer de*, *lembrar-se de*, *fugir de*, *consentir em*, *assistir a* (*uma festa*), *proceder a*, etc., não têm objeto indireto. O complemento deles, que será estudado a seguir, se filia ora no ablativo, ora no genitivo, e se denomina *complemento relativo*.

COMPLEMENTO RELATIVO

*Complemento relativo*¹ é o complemento que, ligado ao verbo por uma preposição determinada (*a*, *com*, *de*, *em*, etc.),

¹ A denominação "complemento relativo" foi proposta por Meyer-Lübke (*Grammaire des Langues Romanes*, tradução Francesa, tome troisième, Paris, 1923, parág. 349).